

# A ESCRITA E A VIDA: A COMPLEXIDADE DO FAZER LITERÁRIO EM AMADEO, DE MÁRIO CLÁUDIO

Romar Rudolfo Beling<sup>1</sup>

## RESUMO

A literatura portuguesa experimenta, nas duas últimas décadas, atividade literária profundamente comprometida com a crítica dos valores sociais e culturais que nortearam o povo lusitano desde meados do século XX. Inspiradas em escritores como José Cardoso Pires, Augusto Abelaira e o Nobel José Saramago, cujas respectivas obras atuavam como referências na discussão dos novos rumos históricos, políticos e intelectuais da nação, num constante repensar do passado como projeção para o futuro, as novas gerações chamaram a si a tarefa de romper paradigmas. Entre esses autores aparece Mário Cláudio, com uma obra que se estrutura a partir da forte complexificação do processo narrativo. Neste ensaio procura-se analisar seu romance *Amadeo*, em que trabalha com os expedientes da alteridade e da intertextualidade, remetendo a outros meios artísticos, em especial à pintura; recorrendo aos artifícios da biografia e da epistolografia; e promovendo um singular caldeamento entre ficção e história. Para o leitor, tal proposta funciona como convite a uma reflexão sobre o papel do discurso à luz das teorias pós-modernas.

**Palavras-chave:** literatura portuguesa, pós-modernismo, alteridade, intertextualidade.

## ABSTRACT

The Portuguese literature has experienced in the last two decades a literary activity marked by criticism of the social and cultural values that have lead the Portuguese people since the middle of the 20<sup>th</sup> century. Writers as José

<sup>1</sup>Especialista em Literatura pela Unisc (1999). Este ensaio foi originalmente concebido dentro da disciplina de Literatura Portuguesa no Mestrado em Teoria da Literatura da PUCRS.

Cardoso Pires, Augusto Abelaira and Nobel Prize winner José Saramago, whose works provide a new interpretation of the past to project the future, and are reference in the discussion of new directions to the nation, have inspired a new generation of writers that take the responsibility for breaking paradigms. Among these, Mário Cláudio reveals himself, with a work based on a strong complexity of the narrative process. This essay aims to analyze the novel *Amadeo*, which is characterized by alterity and intertextuality and makes use of other artistic expressions, especially painting. It also uses biographical and epistemological styles, producing a singular blend between fiction and history. To the reader, such proposal works as an initiation for a reflection on the role of writing from a perspective of postmodern theory.

**Keywords:** portuguese literature, post-modernism, alterity, intertextuality.

## 1 A NARRATIVA PORTUGUESA AO FINAL DO SÉCULO XX

A ficção portuguesa das duas últimas décadas do século XX estabelece uma relação profundamente crítica com as condições de identidade cultural da nação e, a partir delas, com as relações sociais e com a própria história do país. Os escritores envolvidos nesse processo de repensar a identidade portuguesa e o papel da arte na construção dessa identidade educaram-se sob os preceitos que configuraram a escola neo-realista, mas também conheceram de perto tendências como o surrealismo e as vanguardas francesas, que influenciaram a construção romanesca na segunda metade do século XX.

O mais significativo, no entanto, talvez seja que esses autores, em sua grande maioria, testemunharam o 25 de abril de 1974 e viram na abertura política a possibilidade de empreender uma retomada na discussão das questões culturais e da relação do povo português com os demais países europeus, da problemática relação com o contingente das colônias portuguesas na África. E, evidentemente, advertiram a urgência da construção coletiva do presente, além, agora, da expectativa de redimensionar o futuro, tudo iluminado por um passado de glórias, que insistia em pairar ao fundo no imaginário nacional.

Autores que já vinham elaborando a sua obra literária, como José Cardoso Pires, José Saramago, Augusto Abelaira, Augustina Bessa-Luís, Almeida Faria, e escritores que começavam a ensaiar as suas primeiras investidas na ficção, como Maria Velho da Costa, Maria Gabriela Llanos, e Helder Macedo, chamaram a si a tarefa de inserir na ficção o contexto social particular e adequar as linguagens ao novo momento histórico.

## 2 A COMPLEXIDADE DO FAZER LITERÁRIO EM AMADEO

Dentro desse grupo de autores contemporâneos cuja obra vem atraindo o olhar da crítica pela singularidade de sua temática e de seus aspectos composicionais, de cunho experimental, merece atenção o romancista Mário Cláudio<sup>2</sup>. Natural do Porto, onde nasceu em 1941, esse ficcionista, poeta e ensaísta é formado em Direito pela Universidade de Coimbra e atua como professor da Escola Superior de Jornalismo do Porto.

Embora tenha começado sua carreira com a publicação de um livro de poesias, em 1969, foi com as biografias romaneadas de três artistas portugueses - *Amadeo* (1984), sobre o pintor Amadeo de Souza-Cardoso; *Guilhermina* (1986), sobre a violoncelista Guilhermina Suggia; e *Rosa* (1988), sobre a barrista Rosa Ramalho - que fixou seu nome no cenário da literatura portuguesa da atualidade. As três obras posteriormente foram reunidas sob o título de *Trilogia da mão* (1993). Além de vários livros de contos, publicou ainda os romances *A quinta das virtudes* (1990), *As batalhas do Caia* (1995) e *O pórtico da glória* (1997).

Em *Amadeo*, romance de que nos ocuparemos nesta investigação teórica em torno da obra de Mário Cláudio, está subjacente a problematização do fazer literário e a noção de alteridade<sup>3</sup>, que coloca a voz narrativa em confronto com a das demais personagens, às quais também se atribui voz ativa, ao mesmo tempo em que se opõem o universo e a linguagem ficcional ao discurso da própria história. Esses elementos, assim como a auto-referencialidade, a intertextualidade, a ironia e a paródia, das quais Mário Cláudio lança mão, aproximam o romance daquilo que Linda Hutcheon considera como característico na ficção pós-modernista, o "irônico e problematizante jogo pós-moderno da enunciação e do contexto"<sup>4</sup>. A personagem Frederico, em seu diário, justifica a necessidade de

<sup>2</sup> Pseudônimo de Rui Manuel Barbot Costa.

<sup>3</sup> Na definição enciclopédica (Larousse Cultural), alteridade vem a ser o estado ou a qualidade daquilo que é outro distinto. Por essa razão, é adotada como antônimo de identidade. Filosoficamente, diz respeito à questão ontológica da individuação e da pessoa, propondo a reflexão sobre a relação de oposição entre o sujeito pensante (o "eu") e o objeto pensado (o "não-eu"). Neste ensaio, sempre que nos referimos ao termo alteridade, o fazemos inspirados pelas agudas reflexões de Linda Hutcheon acerca das peculiaridades da literatura de características pós-modernas. Ao longo de *Uma poética do pós-modernismo* (confira-se a nota 4), subjaz uma leitura que privilegia sobremaneira as questões de alteridade, o confronto entre o "eu" e o "outro", extrapolando a mera relação entre indivíduos para as mais variadas formas de confrontação com o "outro", o "diferente de mim", em sociedade, assim também exploradas na manifestação artística.

<sup>4</sup> HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p.108. De ora em diante, todas as referências ao livro levarão em conta essa edição; em casos de citações, colocaremos entre parêntesis o número da página em que podem ser encontradas.

se usar de uma boa dose de humor para suportar a rotina de isolamento: "Para quem se enfada neste quotidiano de eremitas, difícilimo é manter o distanciamento do humor crítico".<sup>5</sup>

Maria Alzira Seixo, num estudo comparativo sobre a obra de José Saramago, Maria Gabriela Llansol e Mário Cláudio, observa a importância da auto-referencialidade no contexto de construção ficcional desses autores. É esse processo, como salienta a teórica, que "vai condicionar a emergência da alteridade e o sentido do outro como figura tutelar ou como objetivo reificado". Em outras palavras, "é ao apontar para si próprio que o texto, engrandecendo as marcas do seu projeto literário, pode ultrapassar-se e encontrar o seu 'outro lado', que não é nem o reflexo social, nem o seu estatuto simbólico ou mítico, nem a sua projeção de mundividência".<sup>6</sup> *Amadeo*, no entender de Seixo, está entre os romances que denunciam "o conflito entre o mundo e o texto, entre representação e produção significante, entre a leitura imaginária da escrita como espelho e a travessia de uma opacidade que só existindo permite tal leitura".<sup>7</sup>

É através da construção do universo romanesco e da complexificação do ato narrativo que a obra *Amadeo* começa a revelar sua condição pós-moderna. O romance é a escrita da biografia do pintor português de tendência cubista Amadeo de Souza-Cardoso (1888-1918). Com a pretensão de ser biográfica, a obra instaura desde o começo a problematização de gênero, e relewa a peculiaridade do discurso como "construto ideológico", conforme definição de Hutcheon (p. 111). Atuando em diferentes planos narrativos, o texto procura dar conta dos principais eventos que marcaram a obra e a vida do artista Amadeo de Souza-Cardoso, desde a sua infância num casarão em Manhufe, no Minho, passando por sua educação em Lisboa e, posteriormente, em Paris, até a sua morte, em Espinho, em 1918.

O texto constitui-se de três planos narrativos, marcados pela auto-referencialidade. Num primeiro momento, tem-se as notas que a personagem Papi vai recolhendo para proceder à redação da biografia de Amadeo. As circunstâncias que marcam esse processo de pesquisa são apontadas no diário que Frederico, sobrinho de Papi, escreve, na maior parte do tempo em Santa Eufrásia de Goivos, mas também com rápidas passagens por Barca, no período de 19 de junho de 1980 a 19 de fevereiro de 1981.

<sup>5</sup> CLÁUDIO, Mário. *Amadeo*. 5.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993, p. 21. Todas as demais referências a esta obra serão feitas em relação a esta edição, sendo que citaremos entre parêntesis a página em questão.

<sup>6</sup> SEIXO, Maria Alzira. *A palavra do romance: ensaios de genealogia e análise*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 22-23, 1986.

<sup>7</sup> IDEM, *ibidem*, p.23.

Frederico, em seu diário, faz apontamentos sobre a rotina diária na casa que divide com Papi, revela as dificuldades deste em conseguir reunir as informações de que necessita para escrever a biografia, a condição de Papi de dependente das drogas, as cartas que ele mesmo (Frederico) troca com Álvaro, um amigo. Por fim, todas essas situações de narração são agrupadas dentro de uma narrativa maior, a de Mário Cláudio, que configura o **pluralidade de linguagens** e a plurivocalidade no romance.

*Amadeo*, como lembra Liane Bonato<sup>8</sup>, é calcado na oposição básica entre ficção e realidade, tendo como referência uma personagem real, não literária, mas acabando por ficcionalizar as dificuldades da constituição do próprio texto. O que ressalta, ao longo do romance, é a dificuldade, ou até a impossibilidade, de apreender mesmo as mínimas particularidades da vida de Amadeo, pois os acontecimentos a serem transformados em fatos na narração encontram-se distantes no tempo, e o narrador-biógrafo conta unicamente com a linguagem para "traduzir" esse passado, agora nada mais que passado, enquanto contexto histórico no qual Amadeo esteve inserido. É preciso tentar entender quem foi e como viveu o pintor Amadeo em sua época e as trocas significativas que empreendeu na relação com o seu mundo contemporâneo.

### 3 UM TEXTO SOBRE O TEXTO

Mário Cláudio (autônima de Mário Cláudio autor) recebeu das mãos de Álvaro todas as notas que Papi havia recolhido acerca de Amadeo, assim como as páginas do diário de Frederico. Este, em carta datada de 10 de março de 1983 e endereçada a Mário Cláudio, dá conta dos últimos eventos da vida de Frederico (assassinado a tiro, supostamente acidental, por Gabriel, filho do caseiro), enquanto Papi fora passar uma temporada no Porto, deixando para trás, em Santa Eufrásia de Goivos, os manuscritos da vida de Amadeo. É de Mário Cláudio, assim, a voz narrativa autoral, construindo o texto em que se romaneiam as dificuldades da escrita da biografia do pintor, como lembra Liane Bonato<sup>9</sup>. Assim, é ele (Mário Cláudio) quem estabelece a ordem de apresentação dos fatos. Maria Alzira Seixo salienta que essa tentativa de dar a imagem do processo de constituição da biografia é o próprio tema do romance de Mário Cláudio:

<sup>8</sup> BONATO, Liane. Amadeo: alteridade e auto-referencialidade. In.: *Atas do XV Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa*. Porto Alegre: Edipucrs, 1994, p.582.

<sup>9</sup> IDEM, *ibidem*, p.583.

O texto assenta na escrita de um texto que é ele mesmo repartido por três planos (as notas que se tomam para a redação, a explicação que se dá das circunstâncias que envolvem essas notas e as relações complexas, só após uma primeira leitura perfeitamente apreensíveis, entre as personagens detentoras do poder da narração).<sup>10</sup>

Para Seixo, o que se tem em *Amadeo* é, pois, um “texto sobre o texto”, em que se ficcionalizam as dificuldades da constituição do texto, quando o real que ele pretende veicular existe serenamente a seu lado. Essa perspectiva dupla, em que se ressalta, de um lado, a tentativa da escritura, e, de outro, soberano, o evento histórico ao qual se procura alcançar e apreender, é entendida por Gislaine Marins como a proposta de uma contraleitura da história oficial, pondo em relevo o problema da identidade portuguesa, ao propiciar o contraste de duas épocas, a do biógrafo e do biografado, que “instigam o leitor a comparar, refletindo sobre o presente e o passado”.<sup>11</sup>

A narrativa principia pela descrição da casa de Manhufe, na qual Amadeo viveu boa parte de sua infância, e que constituiu tema recorrente em alguns de seus quadros mais famosos. Esta casa atuará em sentido icônico ao longo de todo o romance, sintetizando o ponto de partida e de chegada de toda a grande aventura mundana do pintor: “Não há caminho, não haverá jamais, que a ela não vá ter” (p. 12). Alguns dos quadros em que foi pintada a casa de Manhufe, assim como retratos familiares do próprio Amadeo, aparecem no romance, o que contribui para problematizar ainda mais a condição de gênero da obra, entre a biografia e o relato ficcional, ou configurando uma “biografia ficcionalizante”, como define Hutcheon (op. cit., p. 109).

Essa descrição de abertura do romance se apossa da linguagem da crítica da arte, estabelecendo a intertextualidade e o diálogo, além de instaurar, ao longo da narrativa, a problematização de gênero a partir da inclusão de elementos como cartas, documentos, referências a revistas, jornais, postais, entre outros tipos de texto. A pluralidade de linguagens ainda transparece no “confronto de identidade” entre narradores e personagens, pois a narrativa intercala os registros do diário de Frederico, narrado em primeira pessoa, com o relato dos principais acontecimentos que marcaram a vida de Amadeo, recolhidos por Papi e posteriormente reagrupados e ordenados por Mário Cláudio, apresentados em terceira pessoa.

O confronto entre o momento de constituição da biografia, o início dos anos

<sup>10</sup> SEIXO, Maria Alzira, op. cit., p. 25.

<sup>11</sup> MARINS, Gislaine Simone Silva. *Amadeo e a questão da identidade portuguesa*, p. 1. Cf. as Referências Bibliográficas ao final deste ensaio.

80, e a circunstância histórica da vida do biografado, a virada dos séculos XIX para XX, é um dos temas do romance. Ao recuperar informações sobre Amadeo, seus “biógrafos/narradores” o contextualizam historicamente e tornam-se testemunhas, a distância, da derrocada da Monarquia e do advento da República, em Portugal; da deflagração da Primeira Guerra Mundial, quando Amadeo se encontra em Paris; e dos graves entraves sociais que a nação portuguesa enfrenta nesse período. O leitor, assim, apreende a concepção de Portugal do período, a partir da visão dos diferentes “narradores”, numa relação entre o “eu” e o “Outro”, que define o microcosmo romanesco.

Obras como *Amadeo* chamam atenção justamente para a importância do papel do leitor e para a complexidade da leitura, diante da intensa referencialidade interna, do jogo intertextual e do tom irônico que o universo romanesco estabelece em relação à história. Poder-se-ia concordar com Hutcheon quando ela lembra, em relação aos romances pós-modernos, que “a atenção textual e temática que se dá ao processo de leitura se propõe a ser uma alegoria do processo de interpretação da vida, e também da arte. [...] Ao enfatizarem o papel do receptor, as obras pós-modernas nunca reprimem o processo de produção”. (p. 107)

O leitor, com *Amadeo*, graças à singular ordenação do discurso, alcança a condição de alguém que testemunha a própria elaboração do ato ficcional. O diário de Frederico, também já colocado no passado, dentro da narração, intermedeia esse processo. Foi ele, o sobrinho, quem esteve mais perto do trabalho rotineiro de Papi na seleção dos dados da biografia de Amadeo. Assim, conduzido por Frederico, o leitor pode ir acompanhando a evolução da pesquisa, a ponto de, junto com o sobrinho, vislumbrar esse processo. Não é outra a intenção do narrador ao aventar o seguinte: “Assiste-se a este homem que conta o percurso de outro homem, como se por nós falasse dele próprio e de cada um de nós” (p. 22). A alteridade volta-se, de certa forma, para o próprio leitor, em sua individualidade, advertido que, na textualização do passado, todos se resumem a mero construto, resultante do uso particular da linguagem.

Em *Amadeo*, é problemática a identificação do sujeito da enunciação, e isso é compreensível num romance que, a exemplo de outras ficções pós-modernas, promove a alternância entre a primeira e a terceira pessoas narrativas, e que busca estabelecer a primazia do múltiplo e do provisório na interpretação dos atos sociais. Isso, lembra Hutcheon, complica sobremaneira a implantação da subjetividade na linguagem, pois a insere e a desestabiliza ao mesmo tempo (op. cit., p. 116). Essa fragmentação é fortemente pós-moderna e, segundo Hutcheon, contribui para derrubar definitivamente a noção de “exclusividade, fechamento e autoridade, [...] que, agora, “dá lugar ao jogo intertextual e à admissão da contingência intelectual” (p. 80).

Assim, poder-se-ia dizer, a respeito de *Amadeo*, o mesmo que Hutcheon

refere em relação ao pós-modernismo enquanto movimento estético e configurado em uma poética particular, que “se caracteriza pela energia proveniente do repensar sobre a multiplicidade e o provisório” (p. 73). É esta energia que torna romances como *Amadeo* tão potencialmente emblemáticos e instigantes, paradoxalmente atuais em seu jogo intertextual e de alteridade, do qual não escapa sequer (ou muito menos) o leitor.

#### 4 O HOMEM: A HISTÓRIA E A FICÇÃO

O romance *Amadeo*, de Mário Cláudio, revela a complexidade da sua composição através da proposta de intercalar diferentes vozes narrativas, que fragmentam o ato narrativo autoral e apresentam ao leitor um painel de múltiplas possibilidades de aproximação com o referente do texto, nada mais que um construto intelectual. Ao mesmo tempo, a obra confirma sua condição pós-moderna a partir do momento em que emprega expedientes como a problematização de gênero e de voz narrativa, contrapondo os narradores/biógrafos ao artista biografado.

A intertextualidade contribui para instaurar a pluralidade de linguagens, com a introdução de diferentes gêneros narrativos (cartas, diários, fichas de leitura), e a problematização na relação entre a história e a ficção é percebida na dificuldade de Papi em apreender - no seu levantamento de dados sobre a vida de Amadeo, e; posteriormente, também por parte do narrador Mário Cláudio - o que de fato constituiu realidade e o que não passou de uma interpretação pura e simples do biógrafo em seu processo de seleção do material recolhido.

Pela peculiaridade de sua construção, o romance *Amadeo* insere-se no contexto de experimentação que caracteriza a literatura portuguesa contemporânea e contribui para a reflexão sobre a relação do homem contemporâneo com o seu passado, afirmando a complexidade de construção daquilo que se entende por identidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONATO, Liane. Amadeo: alteridade e auto-referencialidade. In.: *ATAS DO XIV ENCONTRO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.  
CLÁUDIO, Mário. *Amadeo*. 5.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MARINS, Gislaine Simone Silva. *Amadeo e a questão da identidade portuguesa* (Ensaio). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), s/d. <<http://www.pucrs.br/letras/pos/literaturaportuguesa/memoriadasgentes>>

SEIXO, Maria Alzira. *A palavra do romance: ensaios de genologia e análise*. Lisboa: Livros Horizonte, p.7-27, 1986.